

## É a escola que constrói o currículo



**MARIA DO CÉU ROLDÃO**

“As lideranças e os professores devem pensar nas mudanças, rompendo os pilares da homogeneidade”

Entrevista (páginas 9 a 11)



## EDITORIAL

## O currículo e a ligação ao meio envolvente

A Escola Portuguesa de Moçambique-Centro de Ensino e Língua Portuguesa tem a especificidade de estar inserida no contexto de Moçambique. Assim, sendo o currículo o conjunto de aprendizagens que uma sociedade considera que os jovens precisam de vivenciar num determinado momento e lugar, é importante que o currículo português ministrado nesta escola seja adaptado a esta especificidade, isto é, que seja contextualizado à sociedade em que a mesma se encontra.

Para além dos conceitos básicos, instrumentos fundamentais para a compreensão do mundo atual, é possível e necessário construir um currículo no qual se inscrevam as experiências culturais do meio de onde os alunos provêm, de modo a possibilitar a transformação das aprendizagens em conhecimento efetivo.

A EPM-CELP, alicerçada numa liderança eficaz, deve mobilizar os seus recursos pedagógicos no sentido de enriquecer o seu currículo, integrando “manifestações culturais e artísticas de diferentes visões do mundo”, tal como afirma a nossa entrevistada Maria do Céu Roldão.

O aluno é um agente ativo da sua própria aprendizagem, dando sentido à construção do seu universo de saberes, tendo como referência a universalidade, ou seja, a exigência científica e a capacidade de se adaptar às mudanças cada vez mais rápidas, por um lado, e, por outro, a ligação ao meio social local.

Os projetos de interligação com o meio, como os protocolos estabelecidos com a Helpo, o contacto com escritores e artistas moçambicanos, as visitas de estudo e as publicações de livros ligados ao imaginário de Moçambique são, apenas, alguns exemplos daquilo que vem constituindo, progressivamente, a base para a construção de um verdadeiro currículo próprio, necessário à identidade da nossa Escola. Este percurso, já enclausurado, implica uma reflexão constante e um trabalho contínuo de todos os membros que compõem a nossa comunidade educativa.

A DIREÇÃO

### Para ler nesta edição

- 3 **PLANETÁRIO DA EPM-CELP** | O fascínio dos olhares à descoberta do céu continua a iluminar o projecto de astronomia.
- 4 **CIÊNCIA** | EPM-CELP aderiu ao programa internacional “Mãos na Ciência” visando a divulgação da ciência em contexto escolar
- 5 **SOLIDARIEDADE** | EPM-CELP e Associação Helpo Moçambique de mãos dadas no programa “Educação para o Voluntariado”
- 6 **COOPERAÇÃO** | Projeto “Mabuko ya Hina” otimiza os projetos de funcionamento das bibliotecas escolares e maletas de leitura
- 7 **ATUALIDADE** | Alunos da EPM-CELP refletiram sobre liberdade de expressão face aos últimos acontecimentos trágicos internacionais
- 8 **FORMAÇÃO** | Articulação curricular e indicadores de avaliação no pré-escolar reforçaram conhecimentos na EPM-CELP
- 9 **ENTREVISTA** | Maria do Céu Roldão, especialista em desenvolvimento curricular, sugere caminhos para a adaptação do currículo, evidenciando os papéis insubstituíveis da escola e dos professores
- 12 **ATIVIDADES** | Visitas de estudo, teatro sobre a sexualidade juvenil, lançamentos de livros, a “machamba” dos alunos com necessidades educativas especiais, o encontro do escritor Mia Couto com alunos do primeiro ciclo, um debate sobre afetos e um projeto que ensina a respeitar e defender o próprio corpo foram atividades que animaram a vida da EPM-CELP nos últimos dois meses
- 18 **PSICOLOGANDO** | As reais necessidades de uma criança de quatro anos entre os muitos desafios de aprendizagem para o futuro
- 19 **TEXTO** | “Expulsões imagéticas de Moçambique” e experiências literárias dos alunos refletem ousadia da escrita

**PÁTIO DAS LARANJEIRAS** | Revista bimestral da EPM-CELP | Ano XI - N.º 94 | Edição Jan/Fev 2015

**Diretora** Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Graça Pinto | **Editores** João Pinto (TIC), João Figueiredo (Cultura Física) e Alexandra Melo (Psicologando) | **Editora Gráfica** Inês George | **Colaboradores redatoriais nesta edição** Ana Paula Relvas, Ana Albasini, Francisco Carvalho, Rogério Manjate, Gabriela Canasta, Centro de Formação, Jorge Gonçalves, Helena Correia e Maria Manuel Seno | **Grafismo e Pré-Impressão** Inês George, António Faria Lopes e Fulgêncio Samo | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Graça Pinto | **Impressão e Produção** Centro de Recursos Educativos | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador) PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.<sup>a</sup> do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: [www.epmcelp.edu.mz](http://www.epmcelp.edu.mz) | E-mail: [patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz](mailto:patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz)

# Da EPM-CELP para todo o Mundo!

Integrado no projeto “O céu nas nossas mãos”, o **PLANETÁRIO DA EPM-CELP**, em funcionamento desde dezembro do ano passado, já recebeu, até ao momento, a visita de centenas de alunos de todos os níveis de ensino. Visa promover a literacia científica, através da astronomia.

Os pressupostos que deram corpo ao projeto de aquisição e dinamização do planetário na EPM-CELP, determinantes na angariação dos fundos necessários para a compra do equipamento, a custo zero para o nosso estabelecimento de ensino, foram a promoção da literacia científica através da astronomia, o desenvolvimento de ações de colaboração com outras instituições moçambicanas e internacionais e a implementação de cursos de formação de professores na área da astronomia.

O planetário da EPM-CELP entrou em funcionamento em dezembro do ano passado e, até ao momento, já se dinamizaram sessões para todos os ciclos de ensino, desde o pré-escolar ao ensino secundário, abrangendo várias centenas de alunos. As visitas permitem à grande maioria dos alunos o primeiro contacto com um planetário, no seu ambiente imersivo e cativante, onde se viaja pelas principais constelações do sistema solar e se observam alguns fenómenos, como sejam os eclipses solares e lunares, as fases da lua ou as estações do ano.

O projeto ambiciona, porém, ir mais além no trabalho de promoção da aprendizagem das ciências, em particular no pré-escolar e no 1º ciclo. Pretende-se criar oficinas de aprendizagem, onde os alunos sejam estimulados e desafiados com atividades pedagógicas cujo mote é a astronomia, mas o objetivo final é a literacia científica e o desenvolvimento de competências nos alunos. Apesar de a dinamização do planetário ainda estar numa fase de arranque, experimentalista e com larga margem de progressão nas atividades que pretende oferecer à comunidade educativa, continua a trabalhar-se na consecução dos pressupostos nos quais o projeto assenta. Assim, em paralelo, pretende-se desenvolver projetos de colaboração com outras instituições.

Na área de expansão do projeto para fora da escola, há muitos cenários a concretizar. Para já - novidade fresquíssima - no final de fevereiro será estabelecido um Memorando de Entendimento com o Centro Cultural Brasil-Moçambique para, uma vez por mês, se dinamizarem três sessões generalistas de divulgação da astronomia, no planetário. É a primeira saída firme do projeto “O céu nas nossas mãos” da EPM-



ANTÓNIO SILVA

CELP para a comunidade da cidade de Maputo que, espera-se, abra as portas a futuras parcerias com outras instituições e com o público em geral.

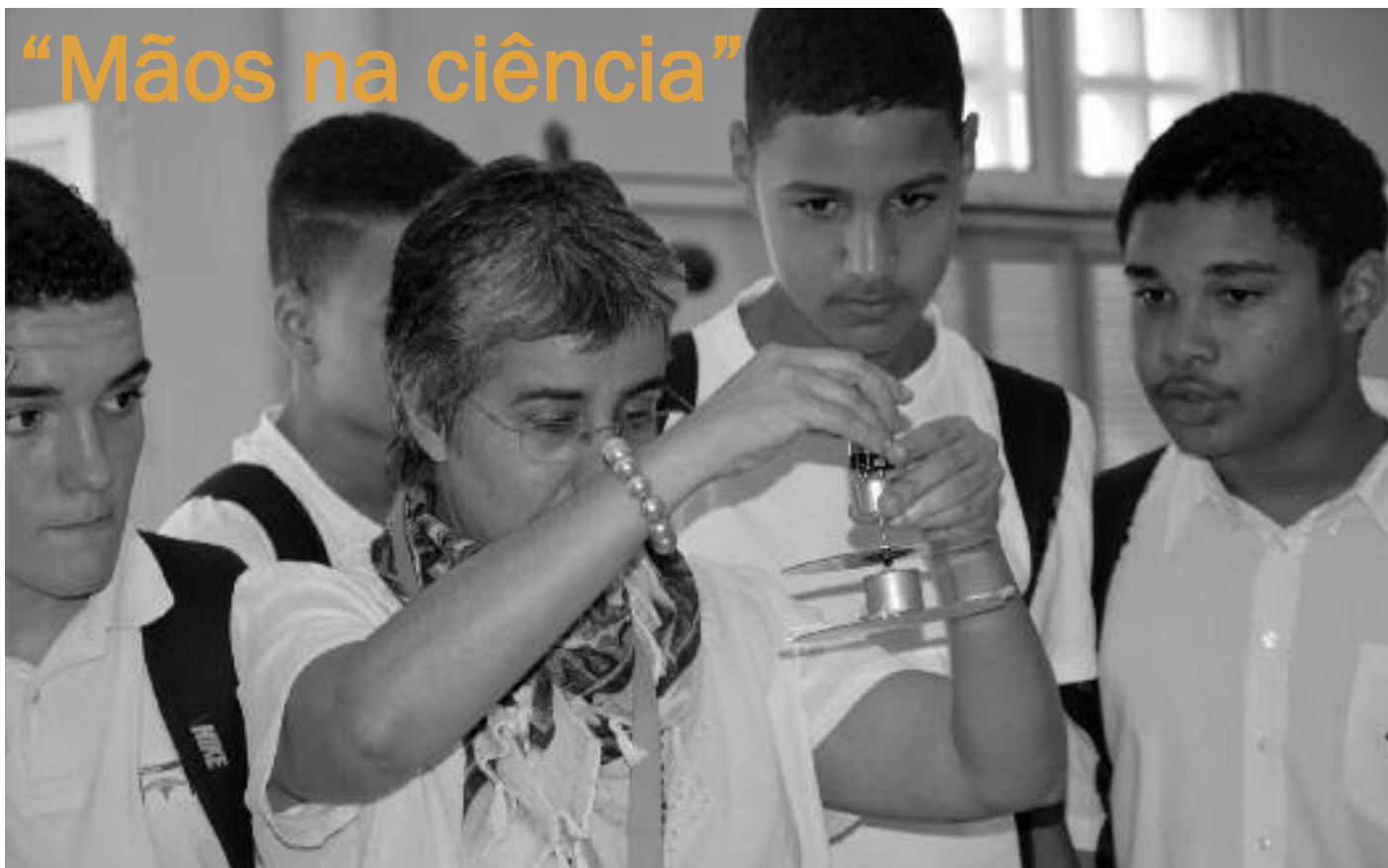
O planetário da EPM-CELP pretende, igualmente, estabelecer protocolos com os ministérios da Educação e da Ciência e Tecnologia com vista ao prolongamento das atividades às escolas moçambicanas e às universidades locais. Neste sentido, o embaixador de Portugal em Moçambique, José Augusto Duarte, visitou o nosso planetário onde assistiu a uma sessão para obter um conhecimento mais profundo do projeto. Igual convite será diri-

gido, em breve, aos titulares das pastas ministeriais atrás referidas para se deslocarem à EPM-CELP e apreciarem as potencialidades do planetário como recurso pedagógico e a pertinência do protocolo que se pretende propor para assinatura tendo em vista a utilização do equipamento pelas escolas moçambicanas.

Dada a característica móvel do planetário, a EPM-CELP poderá assumir um papel relevante na divulgação da ciência, através da astronomia, nas escolas públicas e nas universidades moçambicanas, em Maputo ou nas províncias.

Vamos continuar a trabalhar!

## “Mãos na ciência”



# Curiosidade nas pontas dos dedos

A EPM-CELP aderiu ao programa “Mãos na Ciência” (Hands On Science - HSCI), uma iniciativa de âmbito internacional que visa divulgar atividades de cariz científico, realizadas em contexto escolar, dando a conhecer o que os alunos investigam e produzem no domínio da ciência.

O HSCI dá continuidade ao projeto “Aprender ciência, brincando” que tem como finalidade levar os alunos a construir brinquedos científico-didáticos para exposição e apresentação à comunidade escolar pelos próprios criadores, investigadores e “cientistas”. Prevê prosseguir, igualmente, o ciclo de palestras de divulgação científica, ao ritmo de duas por período letivo - Já decorreram as duas primeiras subordinadas aos temas “Einstein: o génio traquina” e “4.ª dimensão: realidade ou ficção?”.

Estão, igualmente, previstas exposições temporárias sobre temas tratados nas várias áreas do conhecimento científico, tendo já decorrido uma sobre “O movimento”. De destacar, também, a dinamização da atividade “Cozinha com Ciência”, direcionada para os primeiro e segundo ciclos de escolaridade, na qual os alunos são estimulados a participar, voluntariamente, para desenvolvimento da sua

curiosidade científica e para aprenderem a questionar o mundo à sua volta.

Para além das atividades referidas, outras estão a ser dinamizadas na área das ciências, como é o caso do projeto “Pêndulo Mundial”, desenvolvido em parceria com o Instituto Superior Técnico de Lisboa (Portugal) com o objetivo de a nossa Escola se constituir como “provedor de latitude”, pela sua proximidade ao equador, podendo, desta forma, converter-se em parceiro importante na tarefa do ajuste de pontos relevantes à curva experimental da determinação da aceleração da gravidade.

Refira-se, igualmente, que o grupo responsável pela implementação do programa HSCI estabeleceu uma parceria com o projeto “O céu nas nossas mãos”, que tem desenvolvido na EPM-CELP atividades no âmbito da astronomia, promovendo e colaborando na exploração dos conteúdos abordados nas atividades realizadas no planetário, que já se encontra em funcionamento.

E porque 2015 é o Ano Internacional da Luz serão promovidas, entre outras, atividades como a “A luz e a cor na fotografia” e “A luz na literatura”. Já realizado foi o desfile de carnaval com o tema “Iluminate”, o qual, em 25 de fevereiro último, cons-

tituiu uma resposta ao convite da Escola Francesa. Foi assim que os alunos da EPM-CELP deram asas à imaginação e, com a ajuda dos professores e pais ou encarregados de educação, produziram as fatiotas bem iluminadas, mostrando como a luz tem vencido a escuridão, desde os primórdios da humanidade até à atualidade. O pré-escolar apresentou a tocha, o primeiro ciclo a vela, o segundo ciclo a lamparina, o terceiro ciclo a lâmpada e, por fim, o secundário o LED, evidenciando, assim, a história da iluminação.

O programa HSCI, na EPM-CELP, está a desenrolar-se em estreita articulação com a Biblioteca Escolar José Craveirinha, que será o local privilegiado de pesquisa e de divulgação das atividades dos alunos no campo da ciência. Para dinamizar o projecto foi constituído um grupo docentes, dos diferentes ciclos de ensino e de disciplinas, do qual fazem parte os seguintes professores: Helena Correia (Físico-Químicas), Ana Paula Relvas (Português e coordenadora da Biblioteca Escolar José Craveirinha), João Pinto (1.º Ciclo), Fátima Amorim (Ciências Naturais), Sara Teixeira (Educação Visual e Tecnológica), Sónia Pereira (Físico-Químicas) e Sónia Silva (Inglês).

# EPM-CELP quer ser escola voluntária

A EPM-CELP reforçou a Educação para a Cidadania ao assinar um protocolo de colaboração com a Associação Helpo Moçambique, com vista ao desenvolvimento de um programa de Educação para o Voluntariado que começou a ser implementado no ensino secundário e terá a duração de três anos.

O referido programa, resultante de um trabalho de parceria entre a EPM-CELP e a Helpo, baseia-se nas linhas orientadoras da Educação para a Cidadania, emanadas do Ministério da Educação e Ciência de Portugal, e visa preparar os alunos para a prática do voluntariado, com intervenções, ainda este ano letivo, em escolas moçambicanas integradas no projeto, destacando-se as seguintes: Escola Comunitária 4 de Outubro, Escola Primária Completa e Secundária do Triunfo, Escola Secundária Mateus Sanção Mutemba e Escola Comunitária Rainha da Paz.

Nesta primeira fase, iniciada em meados do primeiro período escolar, nas aulas de Educação para a Cidadania ministradas pelo diretor de turma, estão a ser realizadas sessões de informação. Estas, de carácter eminentemente prático, foram concebidas para permitir a participação ativa dos alunos, apoiada na dinâmica do trabalho de grupo, e abordam temas relativos aos Direitos Humanos, à Educação para a Interculturalidade, à Educação para a Igualdade de Género e para o Desenvolvimento, entre outros.

Numa segunda fase, pretende-se orientar os alunos para práticas concretas de voluntariado, mediante a conceção de um projeto de intervenção social, a realizar em escolas moçambicanas contempladas neste programa. O importante é levar os alunos a compreender que o voluntariado não implica necessária e exclusivamente a doação de bens materiais, mas pode, também, ser exercido através da realização de atividades, eventualmente pontuais, que reforcem a educação das crianças, em contexto escolar, facultando-lhes um dia diferente.

O programa pretende veicular a ideia de que fazer voluntariado é também dar um pouco do seu tempo ao outro, despertar um sorriso, provocar uma gargalhada, ler uma história, fazer um jogo, enfim, implementar atividades lúdico-didáticas em prol da educação e formação das crianças em instituições de ensino que lutam com carências materiais e humanas. Tratando-se de um programa plurianual, o objetivo primordial consiste em desenvolver nos alunos o espírito de uma cidadania ativa, com a realização prática e autónoma de atividades que promovam cidadãos des-



peritos para os outros, tolerantes, respeitadores das diferenças, promotores do desenvolvimento e atentos ao mundo que os rodeia. Importa, pois, que cada um interiorize o dever de assumir uma responsabilidade social intrinsecamente ligada à sua condição humana de ser social e moral.

Por fim, o objetivo final deste protocolo de colaboração é elevar a EPM-CELP à distinção de “Escola Voluntária”, graças às atividades desenvolvidas pelos alunos, quer ao nível do voluntariado, quer através das campanhas de sensibilização que venham a realizar na própria comunidade educativa.

## CAMPANHA

### Alunos da EPM-CELP visitaram a Casa do Gaiato

A campanha de recolha de materiais escolares para a Casa do Gaiato, de Boane, decorreu na EPM-CELP de 14 a 23 de janeiro último, por impulso de uma aluna do sexto ano de escolaridade na sequência de uma visita que efetuou, com a sua família, àquela instituição de solidariedade social.

O que inicialmente era uma motivação individual, rapidamente deu lugar a uma movimentação coletiva, constituindo-se um grupo de cerca de 10 alu-

nas, dos quinto e sexto anos que se envolveu com entusiasmo na iniciativa lançada pela colega. Em conjunto, as alunas andaram de sala em sala, visitando as turmas dos terceiro ao sexto anos, sensibilizando os colegas para a importância de participarem em tão nobre causa. Como expectável, os colegas prontificaram-se, quase de imediato, a doar algum do seu próprio material escolar, que poderia estar em acréscimo nas suas mochilas.

O Serviço de Psicologia e Orientação da EPM-CELP acompanhou de perto esta campanha com a preocupação permanente de orientar as alunas na organização diária da iniciativa, desde a etapa inicial da sensibilização e captação de aderentes nas turmas até à recolha e acondicionamento dos materiais escolares, criando, assim, condições para a entrega do donativo à Casa do Gaiato a 29 de janeiro, como efetivamente sucedeu.

# Projeto “Mabuko ya Hina” iniciou campanha de 2015

Otimizar a implementação e dinamização dos projetos de funcionamento das bibliotecas escolares e maletas de leitura e incentivar a realização de um trabalho articulado entre a EPM-CELP e as associações parceiras, assim como os grupos culturais e as escolas do sistema de ensino de Moçambique, foram as grandes linhas de orientação para o início das atividades da campanha de 2015 do projeto “Mabuko ya Hina”.

A primeira reunião ocorreu a 26 de janeiro último, na biblioteca da Associação Livro Aberto, com a participação dos representantes das associações parceiras – Livro Aberto, Iverca, Movimento Literário Kuphaluxa e Movimento Cívico Formiga Juju - e dos representantes dos grupos culturais das escolas primárias completas 12 de Outubro, Polana Caniço “A”, Unidade 23 e Maxaquene “D”. Neste encontro os participantes falaram sobre as atividades que pretendem desenvolver durante o ano de 2015, acordando-se sobre a necessidade de cada grupo elaborar um plano de atividades.

Na segunda reunião, realizada no Centro Cultural Brasil-Moçambique, a 25 de fevereiro, debateu-se a necessidade de se criarem formas de sustentabilidade das associações e dos grupos culturais. Face à apresentação de algumas propostas, concluiu-se que o assunto carecia de maior reflexão por parte de todos os intervenientes.

Ainda no mês de fevereiro ocorreram encontros com os diretores, docentes e técnicos bibliotecários da Escola Primária Completa Polana Caniço A e da Escola Primária Completa 12 de Outubro. Na Escola Primária Completa Polana Caniço “A” acordou-se que, em 2015, a colaboradora Filipa Pais apoiará a reorganização do espaço da biblioteca, bem como a planificação e dinamização de atividades. O mesmo trabalho será feito pela docente Ana Albasini na biblioteca da Escola Primária Completa 12 de Outubro.

Para o mês de março estão agendadas reuniões que marcarão o início das atividades do projeto “Mabuko Ya Hina” noutros polos, nomeadamente com os professores responsáveis pelas maletas de leitura dos distritos de Maputo e de Chibuto. “Mabuko Ya Hina” acredita na proficiência destes encontros para que todas as escolas que integram o Projeto funcionem em rede, apostando-se, deste modo, na sustentabilidade das ações desenvolvidas.



## Banco do livro

Em atividade entre 11 e 18 de fevereiro, na EPM-CELP, o banco do livro foi mais uma das ações que marcou o arranque do projeto “Mabuko Ya Hina”.

Professores de 13 escolas deslocaram-se ao nosso estabelecimento de ensino onde beneficiaram da oferta de livros escolares e outros para o enriquecimento do acervo existente nas respetivas escolas. Extensivamente, destinou-se à comunidade escolar da EPM-CELP uma oferta de livros que ficaram disponíveis na sala dos professores para recolha livre.

## EXPOSIÇÃO | Alunos revisitaram Pré-História e recriaram artefactos

Ao longo do mês de fevereiro, no átrio principal da EPM-CELP, foram expostos trabalhos em três dimensões, construídos pelos alunos do sétimo ano de escolaridade durante o primeiro período escolar, no âmbito da leção dos conteúdos programáticos da disciplina de História. Subordinada ao tema “Da Pré-História à Civilização Egípcia”, a exposição apresentou vários trabalhos, sendo os mais recorrentes a Pirâmide de Gizé e as Aldeias Neolíticas.

Foram alunos da turma E do sétimo ano que relataram a forma como os trabalhos foram realizados: “Os trabalhos foram executados por pequenos grupos de alunos para aprofundar o conhecimento da matéria estudada, trabalhando arduamente para obter bons resultados. Os membros reuniram-se em casa de colegas ou na própria escola. Utilizando materiais como a madeira, o esferovite, o papel e a massa de modelar, os alunos conseguiram que os seus trabalhos fossem admirados por bastantes pessoas numa exposição”.

Os trabalhos que mais se destacam na exposição foram os da Aldeia Neolítica, construída pelas alunas Rita Costa e Inês Soares (7.º C) e o *Stonehenge*, feito pelas alunas Luana Rossini, Adriana Braga e Alzira Soares (7.º E).



# Limites à liberdade de expressão

## Atualidade inspira reflexão dos alunos

No início do segundo período escolar, alunos do ensino secundário da EPM-CELP trouxeram na “bagagem de férias” a problemática da liberdade de expressão, que discutiram nas aulas de Filosofia, motivados pelo ataque violento perpetrado ao jornal Charlie Hebdo, ocorrido a 7 de janeiro, em Paris.

A disciplina de Filosofia do 10.º ano prevê a abordagem do tema “Determinismo e Liberdade na Ação Humana”, pelo que realizaram-se nas respetivas aulas debates sobre a temática da liberdade em consonância com a preocupação espontânea manifestada pelos alunos que, como quaisquer cidadãos, não ficam indiferente às ocorrências do mundo atual. Esta abordagem visa fomentar entre os alunos o espírito crítico, criar oportunidades de partilha de ideias e promover o desenvolvimento da competência argumentativa.

Como expectável, foram muitas as opiniões e os pontos de vista partilhados sobre um tema tão pouco consensual. Os alunos constataram, unanimemente, que a liberdade de expressão figura no conjunto dos direitos fundamentais que todos os países devem respeitar, com vista ao bem comum, conforme estabelece o artigo 21.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem. No entanto, permanecem as perguntas: é o homem pleno e absolutamente livre para falar o que quiser, sobre quem quiser e como quiser? Deve haver ou não limites para a liberdade de expressão?

A complexidade do tema da liberdade de expressão e seus limites conduziu a algumas reflexões, na busca de respostas, que os nossos alunos construíram de forma intersubjetiva e pessoal, afirmando, assim, a sua capacidade de refletir autonomamente sobre temas tão controversos como este.

### REFLEXÕES DOS ALUNOS



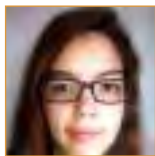
Rushali Sacarlal  
(10.º A1)

A liberdade de expressão é um bem precioso. Dar opinião sobre questões políticas, religiosas e morais é um direito de todo o indivíduo livre, que exerce os seus direitos como cidadão. Contudo, devem existir limites, pois quando são excedidos poderá ocorrer o que se observou com o jornal Charlie Hebdo.



Stefano Borriello  
(10.º C)

A liberdade de expressão não deve ter limites, pois se os impusermos condicionamos, automaticamente, o conceito de “liberdade” e quando isso acontece deixamos de falar de liberdade. Se somos livres de nos expressarmos como quisermos, então podemos dizer o que, quando e como quisermos. Temos é de ter consciência daquilo que dizemos para que possamos respeitar o mundo e as pessoas que nos rodeiam.



Raquel Gouveia  
(10.º A1)

Tem de haver um equilíbrio entre a restrição da liberdade e a liberdade total. Assim, os limites da liberdade deviam ser bem definidos e iguais para todos. Não interessa a raça, o género ou a religião, porque todos fazemos parte da Humanidade.



João Santos  
(10.º A1)

Somos livres de falar, mas se abusarmos temos de arcar com as consequências. O respeito é a condição fundamental da liberdade de expressão, uma vez que vivemos em sociedade.



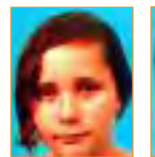
José Furão  
(10.º B)

Nós só somos livres se as outras pessoas aceitarem a nossa liberdade.



Jéssica Magaia  
(10.º A1)

A minha liberdade termina quando começa a do outro, tal como disse Sartre. Não podemos, por isso, ofender os ideais e as convicções dos outros.



Joana Amorim  
e Jéssica Guita

(10.º A2)

Graças à internet e aos blogues podemos até dizer que caímos no extremo oposto e vivemos uma “bebedeira” de liberdade de expressão. Mas isso não nos deve fazer esquecer o grande valor que é dizer o que nos apetece, sem medo de represálias ou, pior, do silêncio imposto.



Patrícia Godinho  
(10.º B)

Podemos utilizar a liberdade de expressão contra o poder político, contra a autoridade ou até contra nós mesmos.



## Articulação curricular na ordem do dia

A articulação vertical e horizontal do currículo escolar foi o tema da ação de formação oferecida pelo Centro de Formação da EPM-CELP aos diversos docentes da instituição com funções de coordenação pedagógica. A iniciativa, realizada entre 17 e 21 de fevereiro, foi dinamizada por Maria do Céu Roldão, doutorada em Educação e especializada em Teoria e Desenvolvimento Curricular.

Como resultado da última avaliação externa realizada pela Inspeção Geral da

Educação e Ciência do Ministério da Educação de Portugal à EPM-CELP, que apontou como área prioritária de melhoria a gestão articulada do currículo, a iniciativa centrou-se na identificação dos conceitos-chave da área curricular, na demonstração de competências de conceção articulada de estratégias de ensino, na gestão de situações de trabalho de desenvolvimento curricular e na definição de conteúdos essenciais a promover em cada nível de ensino e sua correspondente concretização.

A garantia da sequencialidade dos programas curriculares, a continuidade da relação pedagógica, a comunicação entre ciclos de escolaridade e a valorização do conselho de turma como núcleo essencial da articulação do currículo foram outros focos de estudo, igualmente, abordados no decorrer da ação de formação.

A ação de formação totalizou 25 horas para as quais concorreram as sessões teóricas, de debate e de trabalho de planeamento curricular.

## Identificar indicadores de qualidade na avaliação do pré-escolar

A avaliação no pré-escolar foi o tema de uma ação de formação dirigida aos educadores de infância da EPM-CELP, realizada entre 2 e 7 de fevereiro.

A iniciativa, dinamizada pela formadora Gabriela Portugal, teve como objetivo incrementar nos educadores a reflexão e identificação dos indicadores de qualidade contextuais (meios), processuais (implicação e bem-estar emocionais) e desenvolvimentais (objetivos ou competências a desenvolver na educação pré-escolar), assumindo a avaliação como um processo construtivo e possibilitando o desenvolvimento de práticas orientadas não só para os efeitos e benefícios futuros (valorização das aprendizagens e desenvolvimento de competências), como também para a garantia da atual qualidade de vida das crianças ao assegurar bons níveis de implicação e bem-estar emocionais.

A formação serviu, igualmente, para desenvolver competências ao nível das práticas sistemáticas de observação, do-

documentação e avaliação, organizadas e refletidas, usando instrumentos ou escalas específicas de implicação e bem-estar emocional, que tenham em consideração as perspetivas dos vários intervenientes, incluindo as crianças.

As sessões tiveram um caráter essencialmente teórico-prático, tanto nos quadros do conteúdo programático como na forma diversificada e ativa de análise e discussão de questões pertinentes, como a exploração de materiais pedagógicos e a observação e avaliação de casos.

As discussões em grupo permitiram enquadrar e reenquadrar problemas, explorar e analisar vários pontos de vista, estabelecer conexões com as experiências profissionais de cada um, conectar princípios pedagógicos com a complexidade da prática, estimulando a reflexão colaborativa, a definição de estratégias pessoais, o desenvolvimento de um sentido de colegialidade e de compreensão partilhada numa comunidade de aprendentes.

### ASTRONOMIA

No contexto do projeto “O céu nas nossas mãos”, realizou-se, entre 22 e 28 de janeiro, um curso de introdução à astronomia destinado aos educadores do pré-escolar e aos professores do primeiro ciclo do ensino básico. Dotar os docentes com os instrumentos de abordagem de temas relacionados com a astronomia, foi o objetivo principal do estudo, que durou 25 horas repartidas em 15 horas de vídeo-conferência e 10 de trabalho autónomo.

### ENSINO ESPECIAL

Realizou-se entre 24 de janeiro e 28 de fevereiro a segunda oficina de formação em necessidades educativas especiais, destinada a 27 formadores dos institutos de formação de professores da Matola, Namaacha e Chibutuúine, integrados no protocolo de cooperação estabelecido entre a EPM-CELP e o Ministério de Educação de Moçambique. A formação decorreu em cinco sessões que totalizaram 25 horas presenciais e 7 horas de trabalho autónomo, nas instalações da EPM-CELP e dos diversos institutos envolvidos.





**MARIA DO CÉU ROLDÃO**  
Especialista em Teoria e Desenvolvimento Curricular

## Romper os pilares da homogeneidade

**A importância e a relevância do currículo na dinâmica escolar e na particularização da vida de cada escola são analisadas por Maria do Céu Roldão, especialista de teoria e desenvolvimento curricular com vasta obra publicada sobre a matéria**

Entrevista conduzida por FULGÊNCIO SAMO

### **O que se pode entender por currículo escolar?**

O currículo é mais do que os conteúdos programáticos, embora estes estejam ao seu serviço. O currículo é, fundamentalmente, o conjunto de aprendizagens que a sociedade considera que os jovens precisam de adquirir num determinado momento. O programa, como instrumento ao serviço do currículo, não deve ser uma prescrição. É um instrumento ao serviço

desse currículo que, sim, é necessário fazer aprender. O currículo tem também um valor simbólico, funcionando como uma iniciação ao cânone social. E é nessa medida que evita a exclusão. O importante é que, nas diferentes áreas do conhecimento, o aluno domine e compreenda determinados conceitos básicos, o conhecimento estruturante da área, que saiba aceder a esse conhecimento e que com este possa ler o mundo. Portanto, os conteúdos programáticos não valem por si, em abstrato, valem muito, sim como instrumentos culturais e devem ser vistos na sua intencionalidade e funcionalidade.

### **O que integra um currículo escolar?**

O reconhecimento de que é preciso educar e qualificar toda a gente foi empurrando o currículo para uma extensão maior, por vezes inadequada, equivalente ao alargamento de um corpo de aprendizagens mais vasto do que o da escola, que compete a muitas outras agências e abrange muitas zonas, como uma igreja, uma associação cultural ou até a própria família. Mas, a escola é a instituição curricular com a função de garantir aquilo que deve ser comum, providenciando o acesso

»»»»»



ao conhecimento, às competências e aos processos que vão permitir a igualdade social em termos de conhecimento, que não é sinónimo de conteúdos puros e duros. Na sua visão de finalidade, que o distingue do termo conteúdo, o currículo contempla valores, perspetivas sociais e comportamentos, que também existem para serem aprendidos. O que constitui verdadeiramente o currículo é aquilo que deve ser aprendido por todos, incluindo dimensões mais formativas que, para além do cognitivo, permitem compreender o mundo e nele intervir. Portanto, o currículo não deve descurar a aprendizagem dos processos de acesso aos conhecimentos, tornando estes estruturantes.

#### **Uma escola de natureza contextual pode atender à formação pessoal dos alunos?**

A escola mais formal, oferecida na maioria dos países, desvaloriza ou não valoriza tanto as dimensões humanistas da educação. Mas a existência de espaços de desenvolvimento do indivíduo, nas dimensões mais espirituais, de reflexão sobre si próprio ou de educação dos afetos, não constitui, exatamente, uma alternativa curricular. Estas dimensões devem ser introduzidas na vivência da escola sem constituir um modelo alternativo a um currículo mais centrado no conhecimento, que seja o garante da equidade. O currículo escolar é centrado, sim, no conhecimento necessário. Por isso a obrigação pública, social e política das escolas é garantir, de forma equitativa, que os jovens, futuros cidadãos, acessem a uma formação de qualidade. Embora os modelos virados para a espiritualidade sejam uma componente válida para a escola, o currículo não tem de desencarnar esta dimensão humanista do currículo. Forma-se através do conhecimento, não em alternativa.

#### **A padronização do conhecimento não mecaniza os processos de formação, desprendendo o currículo da sua contextualização geográfica e temporal?**

O currículo e a escola correspondem a duas preocupações que devem ser convergentes, embora muitas vezes diverjam na prática. A dimensão da garantia de um corpo de aquisição comum de aprendizagens corresponde à necessidade de reconhecimento social, fundamental para a integração do indivíduo na sociedade. A outra dimensão é o desenvolvimento da pessoa. Portanto, educa-se para as pessoas se integrarem socialmente, mas também para que cada um seja a pessoa com o máximo potencial que puder alcançar. O

problema do currículo é combinar estas duas vertentes, articulando duas lógicas. A escola está mais virada para as dimensões comuns. E são centrais, de facto, no plano do sucesso na vida social, da não exclusão. O que devíamos fazer na escola é conseguir isso, mas sem a tornar numa máquina de produzir alunos em série.

#### **Como pode a EPM-CELP salvaguardar estes aspetos?**

Depende do método de organização do trabalho escolar. A escola deve evitar a formatação do ensino em segmentos de aprendizagens estanques, que é o que faz e, ao invés, criar espaços para a diversidade, evitando o excessivo apelo à normalização. A escola pode recorrer à criação de modelos de trabalho com os alunos para chegar a fins comuns com processos diferenciados, incluindo variedades de ofertas quanto a processos, mas comuns na consecução das finalidades curriculares que lhe cabem. Deve cumprir as metas esperadas e conseguir garantir as aprendizagens previstas para o aluno, sem matar a sua individualidade.

#### **Como pode o professor aguçar o seu olhar para acompanhar as diferenças transmitidas pelos diversos contextos?**

Essa é a questão! O currículo é uma abstração, um conjunto de intenções, de desideratos que se expressam numa determinada época, mas quem faz o currículo viver são os professores. Mas acontece que o professor está formatado na cultura docente dominante, baseada também na própria formação, que tem descuidado o apetrechamento com a consciência de que o professor não é um mero funcionário executivo do manual e do programa do Ministério da Educação. Tem de haver uma transformação no grau de aprofundamento da "profissionalidade" dos professores para trabalhar o currículo, atendendo à heterogeneidade. Deve trabalhar-se segundo uma tipologia de processos de aprendizagem, que o professor tem de saber gerir.

#### **Como avalia a EPM-CELP relativamente a este aspeto?**

A gramática escolar do modo organizativo instalado contempla três grandes elementos: o modo de agrupamento homogéneo dos alunos por turma; o tempo como fator de unidade e sequencialidade fixa, em anos e tempos letivos, assim como o número de horas, e, por fim, a própria abordagem do saber em segmentos. Incorretamente, criamos segmentos rígidos de tempo que inibem a variabilidade de processos de aprendizagens. A EPM-CELP é uma escola-tipo da gramática es-



colar normal da maioria dos sistemas. Aqui as necessidades de adaptação ao contexto têm a ver com as especificidades dos alunos. Provavelmente a EPM-CELP não responde completamente às tais necessidades do contexto, como qualquer outra escola baseada na mesma matriz. Portanto, padece dos mesmos males e dos mesmos bens do que qualquer outra, porque, tanto quanto me é dado ver, a estrutura é idêntica.

#### **E como poderia a EPM-CELP gerir esta gramática neste contexto particular?**

É uma questão organizativa e de liderança, embora as escolas não vivam fora de um sistema administrativo de tutela, que as condicionam, prescrevem e restringem. Uma escola que queira melhorar o seu serviço, respondendo melhor aos contextos em que trabalha, deve criar uniformidades nos grupos e nos tempos, mas criando, simultaneamente, geometrias variáveis e adaptáveis à própria gestão do currículo. As lideranças e os professores devem pensar nas mudanças, rompendo os pilares da homogeneidade e evitando modelos abstratos. Devem criar formatos, tendo em conta as diversas pertenças culturais nas formas de organização.

#### **Como é que se operacionaliza a contextualização curricular?**

Contextualizar o currículo não significa "parooquializar", mas é considerar e incorporar aquilo que vem dos contextos de pertença. É verificar como vários mundos podem ser postos em comum para uma compreensão mais enriquecida das aprendizagens. A contextualização significa trazer para dentro da escola manifestações culturais e artísticas de diferentes visões do mundo. Servem como ponto de partida



no processo de ensino, visando patamares mais transversais de conhecimento comum. É por aí que eu vejo o caminho.

**Como pode o currículo favorecer o enquadramento histórico dos alunos relativamente à sua cultura de origem e ao país que os acolhe?**

Os países africanos tendencialmente acolhem uma grande variedade de grupos sociais e culturais. A grande dificuldade da escola é acomodar, sem esmagar, as culturas de pertença das diferentes comunidades. A escola tem de ser capaz de enquadrar as pertenças dos alunos sem reduzir o currículo apenas à matriz tradicional ocidental, que, devendo ser garantida, é passível de enriquecimento. Devíamos ter no currículo conteúdos ligados às experiências culturais onde convergem as comunidades. Por outro lado, devia haver um reforço da autonomia das escolas, como é o caso da EPM-CELP, pois o regime geral português é eminentemente prescritivo. O poder central é só de regulação, quem constrói de facto o currículo são as escolas e, sobretudo, os professores.

**Como enquadrar as grelhas de observação neste paradigma?**

As grelhas são um reforço da componente de suposta monitorização do trabalho dos professores, que me parece essencial. São sempre necessários instrumentos de registo coerentes para regular melhorias. Mas, o valor da sua instrumentação é mitificado. Uma grelha de registo de avaliação é um ponto de chegada e não ponto de partida. Tem de ser construída e deve resultar do trabalho dos professores sobre elas, na sua discussão e uso, considerando também outras maneiras de fazer registo. Eu não discordo que haja um maior trabalho de monitorização dos professores face àquilo que estão a desenvolver. Mas, se a grelha aparece solta, os professores nem refletem sobre ela, recusam cegamente, então, não funcionará como resultante do esforço que estamos a fazer, acaba por ser um elemento burocrático artificial e externo. O instrumento em si não é mau, o momento em que ele vem num processo de reflexão conjunta é que pode ser incorreto. Os professores é que precisam de pensar mais em conjunto sobre isso e construir ou reconstruir esses instrumentos, mesmo que seja a partir de uma base a que chamamos “grelha”. Mas o fim é a inteligência do seu uso, não a grelha ou outro qualquer registo por si mesmo. Tem de se construir, de facto, um modo de registo que sirva as finalidades.

**Como resolver o conflito entre o global e o particular no currículo?**

Sem prejuízo da multiculturalidade, é importante que todos entrem no código da cultura dominante. Quando integro todos outros elementos no currículo, não podemos esquecer que, para serem iguais nos direitos, aos alunos deve-se garantir o domínio dos códigos comuns, como os linguísticos e os dos costumes, por exemplo. A escola deve fazer uma gestão do currículo multicultural sem deixar de garantir o comum da vida social e económica.

**Que pensa da sobrevivência do currículo face ao atual caudal de informação que as tecnologias de comunicação permitem?**

Será, provavelmente, a questão curricular dos próximos 20 anos, que é, de novo, a relação do currículo com o conhecimento. A matriz dominante no mundo ocidental assenta na organização separada e por vezes apenas transmissiva e não científica, das disciplinas clássicas segundo os diferentes campos de saber. Mas, do ponto de vista cultural, há outros conhecimentos a emergir na escola. Daí a necessidade de apetrechar os alunos para serem capazes de transformar a informação em conhecimento e ligar os dois campos. O currículo deverá evoluir para o esbatimento da matriz disciplinar estrita, segmentar, em favor de outra que continuará a centrar-se nas disciplinas como saberes, mas que contemple também os processos, os acessos e os usos desse conhecimento. Esta matriz está nas disciplinas, não existe abstratamente. Ela sustenta-se, epistemologicamente, na história do conhecimento da qual decorrem as matrizes de estruturação de conhecimentos que, por sua vez, correspondem também aos processos de aceder ao saber.

**Na sua conceção, como pode o currículo atender e privilegiar o aluno como agente ativo de aprendizagem?**

O aluno é um agente ativo da aprendizagem, mas nesse processo o professor é que tem de ser ativo. Quando digo que o aluno é um destinatário, significa que o professor propõe um conjunto de aprendizagens que o aluno tem o direito e a necessidade de adquirir. É ele, professor, que conduz, gere e orienta para que o aluno - todos os alunos - aprenda. O professor tem a obrigação moral e profissional de construir um caminho que permita a cada aluno aceder ao conhecimento. Isto significa que o professor tem em conta, nas suas técnicas e estratégias de ensino, a necessidade de propiciar o contexto de conhecimento mais facilitador da aprendizagem para cada um. ■



PERFIL

**Maria do Céu Neves Roldão**  
Especialista em Teoria e Desenvolvimento Curricular

**Naturalidade**

Portugal

**Idade**

68

**Habilitações académicas**

Licenciada em História pela Universidade de Lisboa. Doutorada em Educação, na especialidade de Teoria e Desenvolvimento Curricular.

**Experiência profissional**

Escritora, investigadora, supervisora e docente de cursos de mestrado e de doutoramento. Docência e elaboração de manuais de História e Estudos Sociais do ensino preparatório (atual 2.º ciclo do ensino básico). Vicepresidente do Instituto de Inovação Educacional (1997-1998). Consultora de projetos da UNESCO e do Ministério da Educação e Ciência, de Portugal. Conselheira editorial de 11 revistas nacionais e portuguesas.

**Interesses**

Área de cultura pela qual considera-se uma criatura que pensa historicamente. Questões relacionadas com a profissionalização dos professores. Do ponto de vista pessoal, a viagem ao encontro da história carregada de cultura e vida. Grande atração por tudo quanto é humano, numa postura de interesse pelo mundo e necessidade de interagir com a realidade.

**Lema de vida**

“Vivre c’est ma dernière volonté”  
– Leo Ferré

# Aventura na Fortaleza de Maputo cruza histórias de Moçambique e de Portugal

Contactar de perto e ao vivo com vestígios e fontes históricas diversas, recriar e vivenciar situações de um passado mais ou menos longínquo e compreender melhor a relação entre as histórias de Por-

tugal e de Moçambique foi o conjunto de experiências oferecido aos alunos da turma G do sexto ano de escolaridade da EPM-CELP, durante uma visita de estudo que durou dois dias.

Realizada a 6 e 7 de fevereiro último, na Fortaleza de Maputo e no Museu Nacional da Moeda, ambos na cidade de Maputo, a visita integrou-se na lecionação da disciplina de História e Geografia de Portugal, como forma de contextualização curricular de aspetos que cruzam as histórias de Portugal e de Moçambique.

De forma lúdica e verdadeiramente divertida, o evento também serviu para estimular a cooperação e a autonomia entre os alunos, uma vez que a ousadia de dormir fora de casa, nas casernas da imponente e austera Fortaleza de Maputo, requer muita responsabilidade.

A visita cumpriu a segunda etapa do projeto “Uma Aventura na Fortaleza e na Casa Amarela” que, na expedição inaugural realizada no primeiro período, abrangeu os alunos da turma C do sexto ano, que foram, então, acompanhados pela professora da disciplina de História, da diretora de turma e de outros professores.

A experiência foi repleta de muitas atividades e convívio que marcaram o percurso académico característico de quem está envolvido em múltiplos processos de aprendizagens e, por isso, pedimos aos alunos participantes que apresentassem as suas impressões pessoais, as quais se reproduzem de seguida.



*A visita de estudo à Fortaleza foi muito bonita, divertida e fabulosa. O que eu mais gostei foi do convívio entre todos. Assim que chegámos parecia que estávamos todos à vontade, receberam e trataram-nos bem e ainda nos deram mais conhecimento. Adorei a experiência.* **Débora Queimada**

*Adorei do fundo do coração, foi uma experiência para a vida.* **Luna Romeiro**

*A visita de estudo foi divertida e diferente de qualquer outra que alguma vez participei. Foi giro conviver com os meus colegas e amigos. Nós divertimo-nos a brincar como nunca...foi incrível! Obrigada!* **Tatu Machatine**

*Eu gostei da visita de estudo porque foi uma forma de termos mais conhecimento sobre a história de Moçambique e estarmos em convívio.* **Gilson Cardoso**

*O que eu mais gostei da visita de estudo à Fortaleza de Maputo e à Casa Amarela foi o convívio e as peripécias que todos vivemos, mas também gostei muito de aprender coisas novas.* **Bruno Afonso**

*Eu gostei muito da visita de estudo à Fortaleza e à Casa Amarela porque tivemos boas explicações do investigador, o Senhor Moisés Timba. Os dormitórios eram grandes e frescos. Foi muito fixe por causa de tudo o que nos ensinaram e das brincadeiras que fizemos.* **Yankee Silva**

*Esta visita foi muito divertida. O que mais gostei foi da dança Xigubo. Vi imensas armas e estátuas.* **Rodrigo Costa**

*Esta visita à Fortaleza de Maputo foi muito divertida e interessante, porque estivemos sempre com os nossos amigos e em dois sítios muito antigos. Gostei muito da noite na Fortaleza.* **Guilherme Viveiros**

*Gostei muito da Fortaleza de Maputo, porque aprendemos muito sobre armas e sobre as estátuas. Também gostei do convívio, do jantar e do pequeno-almoço.* **Guilherme Cardoso**

*Gostei da visita de estudo, porque aprendemos muitas coisas sobre o século XIX, sobre as armas e gostei da dormida.* **Mauro Morais**

TEATRO

# Desmistificar a sexualidade

Rogério Manjate, professor de teatro da EPM-CELP, é o encenador da peça “Sexo? Sim, Obrigado”, escrita por Franca Rame, Jacopo Fo e Dário Fo e interpretada pelas atrizes Sufaida Moyane e Alice Chirindja, da Oficina Teatro Galagalazul, para um grupo de alunos do ensino secundário da nossa Escola, no Auditório Carlos Paredes. É o próprio Rogério Manjate que explica, em texto que a seguir se transcreve, o valor e contributo da peça para a educação sexual das crianças e jovens.

O título, “Sexo? Sim, Obrigado!”, da autoria de Franca Rame, Jacopo Fo e Dário Fo pode ser assustador para um educador ou encarregado de educação. Mas já os vou descansando, de que não trata de um apelo à prática sexual, à orgia, ou seja lá o que for. Como diz uma das personagens, a escola e a família não ensinam aos jovens sobre o sexo e a prática sexual – os pais não estão à vontade para falar sobre o assunto, então deixam essa responsabilidade para os “amigos”, para uma tia ou tio – ou então, “quando fores adulto vais aprender”, como se isso fosse a solução.

E nos tempos que correm, adolescentes e jovens (a geração dot com) são bombardeados diariamente com sexo na televisão, na internet, nos seus telemóveis, etc. Já que a situação assume um certo descontrolo, então ao menos que não se deixe os adolescentes e jovens serem

educados sexualmente através da pornografia.

Esta peça é uma comédia em forma de conferência orientada por duas amigas e ativistas. Partindo de experiências pessoais, dirigem-se a jovens e adultos e falam-lhes de questões de sexo e das consequências de uma informação e educação sexual inconveniente, numa sociedade conservadora e hipocritamente puritana, onde sexo é, ainda, tabu. A peça aborda os mistérios do sexo de uma forma descomplexada, mas com muita responsabilidade. Presta muita atenção à ignorância sobre o sexo e seus tabus; a forma como as jovens raparigas são ensinadas sobre o sexo e os seus órgãos genitais. Aborda as questões da menstruação, orgasmo, frigidez, impotência e exploração sexual.

Esta é uma *performance* com várias intenções – educativa, didática. E trata a sexualidade como uma pureza humana – e

fala da necessidade de descobrir e redescobrir o corpo e a alma, a emoção e o prazer. “Sexo? Sim, Obrigado!” É a sexualidade para além da criação, mas como uma arte do prazer.

ROGÉRIO MANJATE  
Professor de Teatro



PUBLICAÇÕES

## “Diversidade, Valores e Integração” é o novo volume da Coleção Pensar a Educação

O livro “Diversidade, Valores e Integração”, de Maria de Lurdes do Vale, é o mais recente volume da Coleção Pensar a Educação lançado pela EPM-CELP a 19 de fevereiro último, no átrio principal do nosso estabelecimento de ensino. A apresentação da obra esteve a cargo de Ana Paula Relvas, coordenadora da Biblioteca Escolar José Craveirinha, da EPM-CELP.



Maria de Lurdes do Vale (direita) apresenta o seu livro sob os olhares atentos da diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, e da coordenadora da BEJC, Ana Paula Relvas

DESPORTO

## Descobrir o mundo através dos jogos desportivos coletivos

No ensino da Educação Física uma das matérias mais interessantes é a formação para as práticas coletivas do desporto.

Desde que o historiador holandês Huizinga abordou a questão, em 1938, no seu famoso livro "Homo ludens", que Ortega y Gasset classificou como «livro distinto», passou a considerar-se o jogo como elemento tão importante como o trabalho intelectual ou o trabalho fabril. Passou a ser um fenómeno cultural, uma atividade livre e desinteressada, que contribui para um desenvolvimento integral dos seus praticantes. Através dos jogos, os jovens conseguem experimentar o mundo de forma divertida e agradável.

O jogo é uma forma de expressão, uma espécie de linguagem que se manifesta na utilização das técnicas específicas de cada modalidade desportiva. Através destes automatismos pode exteriorizar-se a personalidade individual e coletiva.

Jogar é investigar, criar, conhecer, descobrir... Tudo o que nos leva a pensar e responder à maioria das inquietudes, ilusões e fantasias que os jovens precisam de experienciar.

Embora relativamente recente, a introdução dos jogos desportivos no mundo da educação é também fundamentada pelo desenvolvimento das capacidades motoras, orgânicas e, por incorporar o desenvolvimento social, a relação e cooperação com os outros e o respeito mútuo.

A intemporalidade dos momentos do jogo proporcionam o desenvolvimento de capacidades psíquicas, da análise e tomadas de decisão, como fatores importantes para o desenvolvimento da inteligência, da auto-estima, da comunicação e das relações emocionais e interpessoais.

JOÃO FIGUEIREDO  
Professor de Educação Física

ENSINO ESTRUTURADO

## Machamba com espantalho



No âmbito da Educação Especial, nasceu na EPM-CELP o projeto "A escola na horta – O espantalho", visando proporcionar às crianças da Sala de Ensino Estruturado e outros alunos com necessidades educativas especiais (NEE) com currículo específico individual a oportunidade de cuidarem de uma horta, em especial, e da natureza em geral.

A utilização da horta é um ponto de partida para novas aprendizagens propostas aos alunos com NEE, no sentido de permitir a aquisição de hábitos de vida saudáveis e de competências funcionais no domínio da educação ambiental.

O projecto "O espantalho" assume um carácter inovador a vários níveis. Foi necessário começar por desbravar e preparar o terreno para que a horta começasse a nascer bem pertinho do portão quatro, por onde entram, também, os alunos pequenitos do pré-escolar e do primeiro ciclo que já manifestaram alguma curiosidade pela iniciativa. Preparada a terra chegou a hora de semear, plantar, regar, adubar e tudo foi sendo feito, com o maior carinho, no sentido de proporcionar aos alunos experiências úteis para a sua vida do quotidiano.

Importa salientar que o projeto prevê uma abordagem global e integrada das questões relativas ao ambiente. Para isso as atividades agrícolas, levadas a cabo em regime de cultivo biológico, incluem a reciclagem de resíduos orgânicos, manutenção do espaço da horta e outras técnicas

que serão exploradas com a ajuda dos docentes de Ciências Naturais e de funcionários da EPM-CELP que mantenham machambas (hortas) em casa.

Pretende-se proporcionar, desde muito cedo, às nossas crianças e jovens do ensino especial, agora aprendizes de "machambeiros", o contacto com situações concretas que permitam a aquisição de competências multidisciplinares, fomentadoras de um efetivo saber-fazer, assente no desenvolvimento de um espírito crítico. Trata-se de salientar a importância de cuidar da natureza e consciencializar os alunos que é necessário fazer escolhas para uma alimentação saudável.

Para além disso, as tarefas agrícolas associadas ao projeto "O espantalho", realizadas em conjunto, constituem-se como excelentes momentos para o desenvolvimento nas crianças do espírito de equipa, da responsabilidade, da criatividade e do gosto de ver nascer e crescer a natureza em plena liberdade.

Importa referir que no projeto "O espantalho", para além dos docentes e técnicos do Núcleo de Educação Especial e dos docentes do grupo disciplinar de Ciências Naturais, também estão envolvidas as famílias que se disponibilizaram para fornecer plantas e sementes.

Aguardemos que a semente dê fruto para que todos possamos consumir os produtos da nossa horta pedagógica.

Resta-nos desejar boas colheitas.

## ENCONTRO

# Mia Couto ajudou a sacudir medos

Os alunos do quarto ano do ensino básico da EPM-CELP mantiveram um encontro com o escritor Mia Couto, a 27 de janeiro último, no Auditório Carlos Paredes. Uma oportunidade para os nossos alunos ficarem a conhecer o autor do livro “O Gato e o Escuro”, com o qual tomaram contacto através do manual de Língua Portuguesa que possui um excerto da obra. O convite poderá ter sido irrecusável para o escritor, uma vez que foi reforçado pelo seu próprio neto, também ele aluno do quarto ano.

O projecto curricular do quarto ano está subordinado ao tema “Histórias, Poemas e Valores”, pelo que a presença de Mia Couto permitiu aos alunos conhecer pessoalmente um contador de histórias moçambicano e estimular o gosto pela leitura e pela escrita.

Os alunos receberam o escritor com a entoação das canções “Não me mintas”, de Rui Veloso, e “Além do arco-íris”, de Luíza Possi. O neto de Mia Couto, por sua vez, presenteou o avô, tocando no violino uma peça musical.

Com a sua espontaneidade e sentido de humor característicos, Mia Couto falou sobre a importância que a escola tem na vida de cada um de nós, incentivando os ouvintes - alunos e professores - a estimarem e amarem a escola, que considerou ser a nossa “segunda casa”. A este propósito, contou um episódio da sua vida pessoal que a todos tocou profundamente. Ao visitar a sua cidade natal, a Beira, Mia Couto revisitou a sua escola, encontrando-a destruída e tristemente abandonada. Porque nunca devemos esquecer a nossa “segunda casa”, com a ajuda dos seus ir-



mãos, que frequentaram a mesma escola, Mia Couto decidiu contribuir para a restauração da “sua” escola e, hoje, vive a alegria de saber que a mesma se encontra em pleno funcionamento e em melhores condições.

Ao fazer alusão ao livro “O Gato e o Escuro”, que os alunos estudam nas aulas, Mia Couto falou dos medos de cada um e da forma de os enfrentar, estimulando a problematização e a partilha de pensamentos e sentimentos. “Não devemos ter medo do escuro, porque o medo que nós temos foi feito pela nossa cabeça», disse a Bia, da turma A do quarto ano, em resposta à apreciação do escritor. Para a Raissa, por sua vez, “aprendemos que não devemos ser inimigos do escuro, mas podemos conversar com ele», enquanto o Tiane, destemidamente, afirmou

que “somos nós que enchemos o escuro dos nossos medos.” Reações que parecem confirmar a tese de Mia Couto que, no livro “O Gato e o Escuro”, afirma que a “maior parte dos medos que sofremos, crianças e adultos, foi fabricada para nos roubar a curiosidade e para matar a vontade de querermos saber o que existe para além do horizonte.”

A terminar o encontro, Mia Couto disponibilizou-se para autografar, de forma muito paciente, meiga e brincalhona, os livros que algumas crianças tinham em seu poder, dedicando-lhes palavras carinhosas e até elogiosas. “Professora, eu parecia que estava hipnotizado a escutar aquele senhor” foi uma das reações emblemáticas de um dos alunos participantes numa jornada de convívio e de aprendizagem significativos para os nossos alunos.

## EXPOSIÇÃO

## Sofia de Mello Breyner inspirou recriação de paisagens geográficas

A leitura de um excerto da obra “Fada Oriana”, de Sofia de Mello Breyner, inspirou as ilustrações e os textos produzidos e recriados pelos alunos de várias turmas do sétimo ano do ensino básico da EPM-CELP, no âmbito do estudo da temática da paisagem na disciplina de Geografia. Os trabalhos estiveram expostos na átrio principal da nossa Escola durante a primeira quinzena de janeiro.

A exposição também integrou trabalhos de criação de uma rosa-dos-ventos, com os pontos cardeais e colaterais construídos a partir do aproveitamento de materiais domésticos. Considerando que a Geografia é uma disciplina nova no currículo, estas atividades reforçam a motivação dos alunos para essa área de estudo e constituem formas de aprendizagem que, aliadas a uma apresentação pública dos trabalhos realizados, apresentam-se como estratégias de envolvimento dos alunos na sua própria aprendizagem.



# Visitas aos monumentos de Maputo ajudam a reconstruir identidades

Os alunos do terceiro ano de escolaridade da EPM-CELP romperam a rotina habitual do trabalho letivo na sala de aula e, acompanhados pelos respetivos professores, viveram várias “jornadas de olhares” sobre a cidade de Maputo.

Munidos de boa disposição, sapatos desportivos, câmaras fotográficas e chapéus-de-sol, os alunos partiram entusiasmados para as excursões citadinas ocorridas entre 5 e 9 de fevereiro, ao ritmo de duas turmas por dia. A atividade visava a descoberta ou redescoberta dos principais monumentos da cidade de Maputo, num itinerário que contemplou, entre outros, a Fortaleza de Maputo, a Mesquita da Baixa, o Museu da Moeda, a Estátua de Samora Machel, a Sé Catedral, a Casa de Ferro e, por fim, o Museu de História Natural. Neste último revitalizaram-se forças através de um lanche coletivo ao qual se seguiu o momento criativo de desenho livre de, pelo menos, um monumento visitado, incluindo a fachada principal do próprio museu.

No percurso final, rumo à escola, tempo ainda para visitar o Palácio dos Casamentos e a sua vizinha Igreja Ortodoxa, antes da contemplação do inconfundível “espremedor de limão”, ou seja, a Igreja Santo António da Polana.

A iniciativa integrou-se na lecionação de conteúdos programáticos relacionados com a identidade pessoal e a compreensão e integração históricas de si próprio no contexto familiar e na sociedade envolvente. Serviu como ponto de partida a reflexão sobre a história de vida de cada aluno na linha do tempo: desde a nascença até aos primeiros anos de escolaridade, passando pela atualidade. Seguiu-se o estudo da família e a construção da árvore genealógica. Por fim, surgiu a cidade como elemento contextualizador e alargado da existência e construção da identidade pessoal.

Antecipou a visita aos monumentos a realização de trabalhos de pesquisa orientada para o conhecimento da cidade de Maputo e para a compreensão dos vestígios de um passado onde se cruzam as histórias de Moçambique e de Portugal. Desta forma, os alunos viveram uma experiência mais consciente e elaborada sobre os significados dos diferentes monumentos, aventura que foi enriquecida pelas

entrevistas que os alunos fizeram aos pais, as quais serviram para comparar tempos históricos distintos. Este trabalho prévio possibilitou, ainda, uma descoberta colaborativa e interativa entre os alunos pois ao longo do percurso e na presença de cada monumento havia sempre um “especialista” encarregue de explicar aos colegas o significado histórico do mesmo.

As obras em curso em diversos locais da cidade de Maputo, que estão a transformar a traça urbana, foram objeto dos olhares inquisidores dos alunos que questionaram e ensaiaram respostas sobre o propósito dos edifícios emergentes, sobrando comentários críticos sobre a sustentabilidade ecológica de algumas torres que se erguem na cidade de Maputo.







## Amizade e afetos em debate no 1.º ciclo

O mote “Porque não me dás um abraço? Então dá-me um beijinho!” foi ponto de partida para um debate sobre os afetos, participado pelos alunos, encarregados de educação e professores do 3.º ano de escolaridade da EPM-CELP a 17 de fevereiro. A iniciativa integrou-se no projeto Filosofia para Crianças, o qual visa o desenvolvimento do pensamento crítico e a educação para os valores.

Como testemunhou a encarregada de educação Carla Catarina Brites, desenvolver a capacidade de verbalizar pensamentos, de questionar sem preconceitos e de perceber diferentes pontos de vistas, bem como suscitar o entusiasmo de participar foram as notas altas do encontro que, entre pequenos e grandes, não silenciou vozes nem afetos. Acrescentou ainda que “quando tomei conhecimento que o meu

filho, de oito anos, iria ter aulas de filosofia fiquei com uma enorme expectativa. Na escola, os programas são extensos, o tempo limitado e trabalha-se tendencialmente para o exame. Mas, ensinar é mais do que isso, é orientar para a descoberta e construção do conhecimento.”

A Filosofia para Crianças é uma atividade de complemento curricular que treina processos mentais de aprendizagem.

## Projeto “Este corpo é meu” ensina menores a combater ameaças de abuso sexual

A EPM-CELP acolheu, em fevereiro, uma exposição de sensibilização e proteção de crianças contra ameaças de abuso sexual. Integrado no projeto “Este corpo é Meu”, da Associação Reconstituindo a Esperança (ARES), a exposição regressa quatro anos depois e foi, desta vez, dirigida às 37 turmas do primeiro e segundo ciclos de ensino básico.

A exposição interativa esteve instalada na Biblioteca Escolar José Craveirinha, onde os alunos contaram com as explicações de vários ativistas da ARES junto de cada uma das estações de atividade. Um percurso lúdico que permitiu aos alunos vivenciarem sentimentos de valorização própria e das partes íntimas do corpo.

Jogos interativos e dinâmicos conduziram os alunos, por outro lado, à aquisição de ferramentas de autodefesa. Falar de forma expressiva sobre o corpo, transcendendo os tabus, e não castrar a expressão de sentimentos de agrado ou desagrado, relativamente ao toque, foram passos que serviram para reafirmar a consciência e verbalização da conveniência ou inconveniência de abordagem ou aproximação corporal por outrem. Ademais, o diálogo espontâneo libertou nas crianças expressões indiciadoras de eventuais casos suspeitos, devidamente sinalizados. As crianças exercitaram, assim, linguagens e mecanismos de autodefesa, cruzando-se nesta experiência o conhecimento sobre



os direitos da criança, assim como os procedimentos para pedir ajuda em caso de necessidade.

A metodologia da visita prescindiu o acompanhamento das crianças pelo professor ou adulto, que representam a figura da autoridade, circunstância que ofereceu ao aluno um ambiente mais descontraído e desprovido de preconceitos para conversar abertamente com os ativistas.

“Este corpo é meu” possibilitou, mais uma vez, a consciencialização de que os vínculos afetivos são reforçados com expressões de sentimentos, materializados através de gestos corporais, que não podem nunca suscitar dúvidas quanto à sua genuína intencionalidade.

# A mania de aprender antes do outro

O psicólogo tem um lugar muito próprio na Escola: de complementaridade junto de educadores, professores e famílias e de suporte junto dos alunos. Enquanto frequentava o curso, as minhas passagens pelas escolas e escolinhas ensinaram-me a ir com cuidado, pois cedo me mostraram que a psicologia não tinha muito para dar às e ao ensino. “Se não é professor, se não sabe ensinar e como ensinar, vai fazer o quê com os (meus) alunos?”, pensavam silenciosamente os professores!...

Cedo percebi que numa Escola há lugar para todos os que se relacionam com as crianças e com o processo de ensino-aprendizagem, sendo um local por excelência para a presença da multidisciplinaridade no cumprimento do melhor que se pode desejar para o bom desenvolvimento das crianças, enquanto pessoas e alunos.

Na sua relação com a aprendizagem, o psicólogo contribui com o conhecimento que tem do desenvolvimento humano, sabendo o que se pode esperar e exigir de uma criança. Com o seu saber da avaliação psicológica, mostra o outro lado do aluno e onde residem as facilidades ou dificuldades de aprendizagem. E não me refiro apenas às capacidades cognitivas necessárias para as aprendizagens académicas, mas, essencialmente, para o bem-estar emocional, que pode ou não permitir que as aprendizagens ocorram, e mesmo para o crescimento emocional da criança, para o qual a Escola deve contribuir.

Cada vez mais os adultos veem a Escola como o local que tem que fazer crianças inteligentes cognitivamente. Afinal, o meu filho tem de saber escrever o nome antes do filho do vizinho e do primo, deve saber ler bem antes das crianças da mesma idade, mesmo que para isso não tenha idade... E as “pré-escolas” até acham boa ideia, começando a preparar as crianças para a aprendizagem formal da leitura e da escrita, fazendo, por isso, a aprendizagem “antes”, para a criança se adaptar e ser-lhe mais fácil quando entrar na Escola: “já saberá ler e escrever e... fui eu que ensinei, ainda na Pré... Sou um excelente educador!!!”

Passeando-me pela internet, tive a sorte de encontrar um artigo sobre as aprendizagens necessárias a uma criança de quatro anos, que gostaria de partilhar aqui. O artigo é da autoria de Alicia Bayer, publicado no conhecido portal de notícias

americano *The Huffington Post*, que organizou uma lista daquilo que defende ser o essencial para que a criança saiba, a partir das aprendizagens proporcionadas essen-

cialmente pelos pais ou encarregados de educação, receber o trabalho desenvolvido na “pré-escola”, na pessoa do educador de infância.

## A CRIANÇA DE 4 ANOS

Deve saber que a querem por completo, incondicionalmente e em todos os momentos.

Deve saber que está segura e deve saber como manter-se a salvo em lugares públicos, com outras pessoas e em distintas situações.

Deve saber seus direitos e que sua família sempre a apoiará.

Deve saber rir, fazer-se de boba, ser vilão e utilizar sua imaginação.

Deve saber que nunca acontecerá nada se pintar o céu de laranja ou desenhar gatos com seis patas.

Deve saber que o mundo é mágico e ela também.

Deve saber que é fantástica, inteligente, criativa, compassiva e maravilhosa.

Deve saber que passar o dia ao ar livre fazendo colares de flores, bolos de barro e casinhas de contos de fadas é tão importante como praticar fonética. Melhor dizendo, muito mais importante.”

(...)

“– Que cada criança aprende a andar, falar, ler e fazer cálculos a seu próprio ritmo, e que isso não tem qualquer influência na forma como irá andar, falar, ler ou fazer cálculos posteriormente.

Que o fator de maior impacto no bom desempenho escolar e boas notas no futuro é que se leia às crianças desde pequenas. Sem tecnologias modernas, nem creches elegantes, nem jogos e computadores chamativos, se não que a mãe ou o pai dediquem um tempo a cada dia ou a cada noite (ou ambos) para sentar-se e ler com ela bons livros.

Que ser a criança mais inteligente ou a mais estudiosa da turma nunca significou ser a mais feliz. Estamos tão obstinados em garantir a nossos filhos todas as “oportunidades” que o que estamos dando são vidas com múltiplas atividades e cheias de tensão como as nossas. Uma das melhores coisas que podemos oferecer a nossos filhos é uma infância simples e despreocupada.

Que nossas crianças merecem viver rodeadas de livros, natureza, materiais artísticos e a liberdade para explorá-los. A maioria de nós poderia se desfazer de 90% dos brinquedos de nossos filhos e eles nem sentiriam falta.

Que nossos filhos necessitam nos ter mais. (...) Nossos filhos necessitam do Nintendo, dos computadores, das atividades extraescolares, das aulas de balé, do grupo para jogar futebol muito menos do que necessitam de nós. Necessitam de pais que se sentem para escutar seus relatos do que fizeram durante o dia, de mães que se sentem e façam trabalhos manuais com eles. Necessitam que passeiem com eles nas noites de primavera sem se importar que se ande a 150 metros por hora. Têm direito a ajudar-nos a fazer o jantar mesmo que tardemos o dobro de tempo e tenhamos o dobro do trabalho. Têm o direito de saber que para nós são uma prioridade e que nos encanta verdadeiramente estar com eles.

Então, o que precisa mesmo – de verdade – uma criança de 4 anos?

Muito menos do que pensamos e muito mais!”

## “Expulsões imagéticas de Moçambique”

**D**escompensação. Porque me sentes tu se não te sinto, com o mesmo excesso e desmando? Que abundância vive em teu peito e que míngua neste meu deserto de emoções. Que miríade é essa que carrega entre os pulmões, afetos, amores, pulsões descomedidas e vontades infundáveis de cuidar.

Falcífero, de foice amolada, cortante, ras-tejante na maior parte do caminho estrídulo que se ensaia nas sonoras noites de verão. Ele chega, o desencontro, o desequilíbrio de forças e entregas, o desgoverno do fiel da balança, em caótica dança de pés quase sempre descontraídos.

Há cordialidade entre nós, escasseia a voz que grita a imensidão do gostar, do querer estar perto, dentro, a resguardo da dor e do desamor.

Volta amanhã, depois da primeira curva do Sol, olhando-me com menos cegueira e sofreguidão, e talvez vendo-me com a razão, me percebas longe dos teus ideais. Jamais poderei ser servente do teu prazer, pois liberdade me sobra, o cárcere me aflige, me encurrala a criação e o desejo em viver sem dono, sem trono, sem esmola.

JORGE GONÇALVES  
Docente

## Na ponta da língua

Espaço literário preenchido com textos livre e espontaneamente escritos por alunos da EPM-CELP

### A separação

**E**u vi os dois, o rapaz e a rapariga, no parque, a olharem para o pôr-do-sol. Aquele seria um dos seus últimos momentos juntos. Ambos com 25 anos, ela tinha arranjado emprego como locutora de rádio na BBC Radio 1, em Londres. Sabendo que esta era uma das melhores rádios no mundo, aceitara a proposta que lhe fizeram. Ele, sendo já diretor de uma empresa bem sucedida na área da logística, tinha de ficar nos Estados Unidos.

Não podiam fazer nada quanto à separação iminente, mas podiam aproveitar o pouco tempo que ainda tinham juntos. Por isso, deram uma volta aos Estados Unidos, mas em cada cidade que atravessavam lembravam-se que não podiam ficar juntos para sempre. Gradualmente, afastaram-se um do outro, não por falta de amor, mas porque não aguentaram continuar a ver-se.

Quando ela partiu para Londres, ele virou-se para a bebida e o isolamento para afogar as mágoas, mas nada o alegrava. E então ele percebeu: o "vou-te amar até aos setenta" é um conto de fadas.

Como é que sei? Eu sou ele.

**Edgar Lobato de Faria (10.º A2)**

### A aventura do improvável

- Até amanhã, mãe.

- Dorme bem, João.

Fui-me deitar, até porque estava muito cansado.

Algumas horas depois, já com o meu sono em dia, acordei, não no meu quarto, mas sim num banco corrido do que aparentava ser a parte traseira de um veículo aeronáutico, algo nunca visto, de tão avançado.

- Bom dia, alegria!

Quando olhei para cima, deparei-me com um casal de "quarentões" que aparentemente tinham importância na "nave", pois não estávamos sozinhos e o resto do pessoal parecia ter por eles um profundo respeito.

- Bom dia. Podem-me dizer onde estou?

- Vem connosco.

Ele pousou a sua mão no meu

ombro e só aí reparei nas suas feições gravadas pelas areias do tempo. Tinha cabelo preto e curto, e olhos azuis brilhantes, que contrastavam com a pele pálida. Apontou para a saída, que dava para um deserto descomunal com três sóis e areias azuis de mar. Lá no fundo via-se uma porta, que bem podia ser uma miragem, mas não era.

- Encontrarás as tuas respostas do lado de lá.

Quando entrei, ainda hesitante, o universo foi invadido por uma onda de escuridão seguida por uma vaga de luz.

- João, levanta esse rabo da cama e anda tomar o pequeno-almoço!

**João Góis (8.º E)**

# Desfile “Ilumina-te” deu luz ao Carnaval 2015 da EPM-CELP



“Nem me falta na vida honesto estudo/Com longa experiência misturado” - Luís de Camões